



2023

ANO DA REGRA  
DE VIDA DOS  
FRADES MENORES



## CAPÍTULO IV

# O USO DO DINHEIRO COMO EXPRESSÃO CARISMÁTICA DO SEM NADA DE PRÓPRIO

Capítulo IV da Regra Bulada faz referência à relação dos irmãos com o dinheiro, apresentando, clara e objetivamente, que os irmãos não devem recebê-lo. A composição do texto não permite comentários ou interpretações que justifiquem algo diferente disto. O cuidado com os irmãos enfermos e com as necessidades daqueles que precisam de roupas deveriam ser assegurados por meio de amigos espirituais, a fim de cumprir o princípio acima recordado. Assim constituído, pode-se intuir que o texto da Regra evidencia o grande perigo do dinheiro e, por isso, uma decisão firme para não se fazer o seu uso.

Fato é que, com as mudanças ocorridas na organização das relações sociais que passaram a ter o dinheiro como a moeda de troca, viver neste contexto implica, necessariamente, ter dinheiro para garantir as necessidades mais vitais de qualquer ser humano. Os frades não foram isentados destas mudanças. Não foram poucos, todavia, os questionamentos e as inquietações que se fizeram entre os frades neste processo de passagem do não receberem, conforme prescrito na Regra, até o receberem dinheiro. A situação chegou a tal ponto que no ano de 1970, o Papa Paulo VI, por meio do atualmente denominado Dicastério para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, a pedido dos Ministros Gerais da OFM e OFM<sup>Cap</sup>, declarou que era lícito o uso do dinheiro pelos franciscanos, visto ser este um meio necessário para o intercâmbio, inclusive para o cuidado com os pobres.

Se por um lado a história conduziu a esta necessidade e a este distanciamento do explícito na Regra, por outro, sempre se mantiveram levantados os questionamentos sobre o modo de usar o dinheiro recebido pelos irmãos, a fim de que este modo não os impedisse de viver a intuição e o fundamento carismático do “sem nada de próprio”. O pouco tempo que isto vem sendo praticado já conseguiu criar alegrias e esperanças, luzes e sombras, acertos e situações lamentáveis.

Se não bastasse esta mudança em relação ao “receber dinheiro” e sua implicância interna à resposta dada ao carisma, vive-se nas últimas décadas uma transformação socio-eclesial. Terminou a força de um cristianismo cultural, do poder sacro de uma certa religião na qual já se nascia cristão e de uma sociedade cristã feita de exterioridades e poderes, situações estas sustentadas muitas vezes pelo próprio dinheiro, que bancava uma mentalidade clericalista.

E, ainda, a sociedade que até então aprendia da Igreja o que deveria fazer e como agir, passa a questioná-la e lhe pede explicações de como permitiu que seus membros, principalmente aqueles chamados para o seu serviço, vivessem tão distantes da mensagem do Evangelho por ela anunciada. O modo de usar o dinheiro está, certamente, entre os questionamentos mais gritantes. Não distante de cada um de nós, o mau uso do dinheiro pode expressar uma das maiores contradições entre a mensagem anunciada pelo Evangelho e aquilo que é vivido pelos membros da Igreja.

Neste contexto, o atual momento histórico, incentivado pelas novas posturas da própria Igreja, principalmente pelo impulso dado pelo Papa Francisco, pede-nos, urgentemente, uma renovada relação com o dinheiro, não o tendo mais como expressão de um poder que cria em nós a ilusão de onipotência e imortalidade. O dinheiro passa, assim, a ser uma ferramenta a serviço do carisma e da missão, usada de modo evangelizador, assumida por homens que decidiram “servir a Deus e não ao dinheiro” (Mt 6,24), que acreditam no Evangelho e em sua mensagem, que têm no Pai sua plena e única confiança.

## **Não se apropriar: o escândalo evitado**

Na busca pela fidelidade carismática, mesmo tendo que ceder ao acima recordado e os frades terem passado a receber dinheiro, a certeza que os guiou neste processo foi que o dinheiro nunca seria apropriação pessoal, mas, colocado em comum na Fraternidade, seria um meio para que a própria Fraternidade pudesse cumprir bem a sua missão, mantendo-se fiel à inspiração originária, manifestada, inicialmente, em São Francisco. O guia na busca pela fidelidade carismática foi e continua sendo o de sermos irmãos. Estes são o fundamento de todas as considerações feitas sobre o dinheiro e o seu uso.

Para se falar de irmãos, parte-se sempre daquilo que é a base de tudo: cada um deles em sua individualidade. Cada um dos irmãos é responsável por aquilo que é a Ordem hoje, inclusive, no uso do dinheiro. É possível alegrar-nos ao sermos recordados disto, pois são muitos os sinais proféticos já firmados no uso do dinheiro entre os Frades Menores, motivados pelo constante desejo de conversão já assumido pela grande maioria dos seus membros ativos.

Se, por outro lado, ainda fosse possível encontrar alguma dificuldade quanto ao uso do dinheiro na Ordem, – como a apropriação, a falta de confiança mútua que impede o pôr em comum, os dolorosos desvios, a falta de fidelidade carismática que leva ao uso do dinheiro para manter caprichos pessoais em detrimento da atenção para com os pobres, opondo-se ao ser pobre, inclusive em espírito – cada um de nós já não pode mais imaginar-se distante e irresponsável por isto, acusando uma instituição por tais escândalos que têm a sua origem em cada omissão pessoal.

Os possíveis escândalos na Ordem não podem ser considerados maiores ou menores, mensurados pelo valor financeiro envolvido. Existe, sim, um único escândalo que é o de apropriar-se indevidamente daquilo que é dos irmãos e que deve estar a serviço do carisma e da missão. O apropriar-se semeia em nossas Fraternidades a discórdia, a desconfiança, o falar calunioso e leva os irmãos a darem o último suspiro de vida desamparados das mãos dos demais irmãos, que foram levados a isentar-se da responsabilidade mútua, ferida pela onipotência pessoal causada pelo mau uso do dinheiro institucional ou do dinheiro desonestamente considerado pessoal.

## **Onde está o teu irmão? (Gn 4,9)**

Como dito anteriormente, o uso do dinheiro foi-nos inevitável, mas o fato de sermos irmãos é para nós uma escolha livre e pessoal e o caminho para se responder a uma vocação que nos foi dada pelo Senhor. É com eles que antecipo a vivência da Boa Nova e com quem percorro o caminho da Salvação, já que ninguém se salva sozinho. Os irmãos, também no uso do dinheiro, são a instância certa e segura que nos permitem discernir para escolher o caminho que nos leva a chegar juntos até o encontro definitivo com o Pai.

A diversidade de serviço que cada um dos irmãos faz sempre é a riqueza da Fraternidade. Natural que assim seja: “Abel tornou-se pastor de ovelhas e Caim, agricultor” (Gn 4,2). Cada um com sua oferta que ao seu tempo será olhada pelo Senhor. A dificuldade é trazida quando não se sabe alegrar-se com a oferta do irmão, não se sente participante dela ou quando um dos irmãos priva os demais irmãos da oferta que faz a Deus.

O dinheiro que cada um recebe como contrapartida do seu trabalho, aposentadoria ou outras fontes que são o fruto visível do seu sacrifício, é sempre da Fraternidade, pois é a partir dela que se realiza o trabalho e é nela que se adquirem as energias para realizá-lo. A Fraternidade é, deste modo, quem assegura a fidelidade carismática a fim de que o fruto do suor e do trabalho dos irmãos seja oferta justa a Deus para que este a faça frutificar como sementes do Reino.

Quando, entre nós, não colocamos em comum aquilo que recebemos, criam-se certos ruídos e desconfianças. Facil-

mente, poderemos até nos reunir em orações, refeições, mas estas sempre estarão marcadas pela ausência de uma disponibilidade interior para entregar-se por completo “aos irmãos que o Senhor me deu” (Test 14). Quando nos privamos de colocar nas mãos da Fraternidade o dinheiro recebido, acabamos chagando-as com a desconfiança, distanciando-nos daquilo que prometemos com todas as nossas forças no dia da Profissão, acabando por não ter mais os irmãos como dons dados pelo Senhor. Assim, pode-se crer que se Abel e Caim tivessem oferecido juntos os frutos colhidos, a conversão dos irmãos teria acontecido antes do crime.

Colocado o dinheiro nas mãos da Fraternidade, esta torna-se o local do discernimento sinodal de como melhor destiná-lo, recordando sempre que já foi ofertado a Deus com quem se quer aprender a bem destiná-lo.

O caixa comum e o discernimento fraterno no uso do dinheiro passam a ser a solução para a grande maioria dos problemas. E, quem sabe, a solução dos nossos problemas em relação a Deus, pois, na confiança praticada com os irmãos, aprendemos a criar a fundamental, necessária e decisiva confiança em Deus.

## **Relação com Deus**

Os danos causados pelo mau uso do dinheiro nas relações entre os irmãos são os mais facilmente constatados, falados, criticados e denunciados. Pouco, todavia, se faz referência aos danos causados por este tipo de uso na relação com Deus. Aqui estamos diante do ponto central e decisivo quanto ao uso do dinheiro. Quanto mais usado a partir de critérios pessoais e subjetivos sem ser levado ao discernimento da Fraternidade, além de expressar a desconfiança nos irmãos, coloca-nos a serviço do próprio dinheiro, enfraquecendo a confiança em Deus.

Vivermos presos ao dinheiro impede-nos de ter um coração humilde e livre que saiba acolher a condição de criatura limitada e pecadora que viva de modo não egoísta nem possessivo os laços e os afetos, capaz de vencer a tentação de onipotência que cria em nós a ilusão de ser imortal, incapazes de confiar em Deus e deixar que Ele deposite em nós a sua confiança. A liberdade em relação ao dinheiro permite superar a impressão de que bastaria mais dinheiro para comprar os dias desejados de vida nesta terra e, ainda, que não posso confiar nos meus irmãos no dia do meu sepultamento, dia este para ao qual reservo uma expressiva quantidade de dinheiro que me assegure condições “dignas e justas” às honras às quais me elevei.

Nós acreditamos em um Deus que é relação, comunhão. Deus não vive fechado em si mesmo, reservando para si aquilo que Ele tem. Ele é relação e tem um povo: “Eusou o Deus de teupai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó” (Ex 3,6). Acreditamos num Deus que é sensível, que sofre com quem sofre. A ideia de um Deus distante, insensível, que reserva para si toda a sua onipotência, contamina a sensibilidade relacional e nunca nos provocará a termos a sensibilidade e disponibilidade do bom samaritano. Pelo contrário, poder-se-á, inclusive, ser levado a defender um deus onipotente que me dê a impressão de também eu ser onipotente, portador de uma sensibilidade possessiva, egoísta, concentrada sobre meus próprios méritos e fadigas, não reconhecendo a gratuidade do amor e nem me tornando capaz de doar-me com tudo aquilo que sou e tenho.

Estamos diante de um desafiante trabalho de formação permanente. Formarmos nossa sensibilidade para a confiança em Deus e nos irmãos, expressas também no uso do dinheiro. Deixarmos de lado a ditadura que nos é imposta pelos nossos sentimentos e deixarmos-nos novamente atrair pelo chamado vocacional que nos foi dirigido um dia expressando nossa resposta também por meio de uma nova economia do uso do dinheiro: a verdadeira, a bela e a boa economia que nos conduz a Deus, por meio dos irmãos.